



MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

ESPAÇOS E LUGARES EM DOIS CONTOS DE CHIMAMANDA ADICHIE



SPACES AND PLACES IN TWO SHORT STORIES BY CHIMAMANDA ADICHIE

BRUNA ALESSANDRA KINDINGER
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PÁRANÁ, BRASIL

ALINE DE MELLO SANFELICI
UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PÁRANÁ, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AS AUTORAS
RECEBIDO EM 08/07/2020 • APROVADO EM 29/08/2020

Abstract

This study analyzes two stories by Chimamanda Adichie from the perspective of the flows of people in a globalized world. We discuss the relationship established by the subject in migration processes with the new locations. It was observed how the protagonists of the stories *The thing around your neck* (2009) and *My mother, the crazy African* (2012) build their relationships with the environment following the concepts of “space” and “place” developed by Yi-Fu Tuan (1983). Being these concepts strongly linked to the perspective of experiences, some considerations by Jorge Bondía (2002) were brought to deepen the role experience plays in the construction of meaning and, consequently, the reality of each subject. The analysis was developed by discussing the stories in light of the theoretical perspective adopted. It was verified how the experiences are tied to the development (or not) of bonds with a certain environment, once they are related to diverse issues, such as attitudes, discourses, stereotypes, family and social relationships. It was possible to identify that the

United States was to Akunna, the protagonist of *The thing around your neck*, merely a space, while to Ralindu, from *My mother, the crazy African*, it gained the status of a place.

Resumo

Este estudo analisa dois contos de Chimamanda Adichie sob a ótica do trânsito de pessoas em um mundo globalizado. Discutimos a relação estabelecida pelo sujeito, em processos de migração, com os novos ambientes ocupados. Observou-se como as protagonistas dos contos *No seu pescoço* (2017) e *My mother, the crazy African* (2012) constroem suas relações com o ambiente no qual se inserem a partir das noções de “espaço” e “lugar” desenvolvidas por Yi-Fu Tuan (1983). Sendo esses conceitos fortemente atrelados à perspectiva das experiências, foram trazidas também considerações de Jorge Bondía (2002), de modo a aprofundar o papel da experiência na construção de sentido e, por conseguinte, da realidade de cada sujeito. A análise se deu por meio da discussão das histórias à luz da perspectiva teórica adotada. Foi possível verificar como as experiências estão atreladas à criação, ou não, de vínculos com um determinado local, sendo tais experiências relacionadas com questões diversas, como atitudes, discursos, estereótipos, relações familiares e sociais. Assim, foi possível identificar que os Estados Unidos se mostraram para Akunna, protagonista de *No seu pescoço*, meramente como um espaço, ao passo que para Ralindu, de *My mother, the crazy African*, o país é percebido enquanto um lugar.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Chimamanda Ngozi Adichie. *The thing around your neck*. *My mother, the crazy African*. “Space-Place”.

PALAVRAS-CHAVE: Chimamanda Ngozi Adichie. *No seu pescoço*. *My mother, the crazy African*. “Espaço-Lugar”.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Vivemos tempos acelerados, tempos em que a circulação de pessoas, produtos, ideias e visões de mundo é cada vez mais intensa. Esse cenário, uma consequência imediata da globalização, promove novas (e imprevisíveis) relações entre os sujeitos e, também, deles com os ambientes que ocupam. Os sentimentos e as atitudes diante de um horizonte tão incerto podem ser desconcertantes, e a literatura, que tanto nos ajuda a entender nosso redor e a nós mesmos, nos oferece material vasto para reflexão sobre os impactos advindos desses deslocamentos, encontros e desencontros. Tendo em vista a problemática da relação de um sujeito que se desloca com os novos ambientes que este passa a ocupar, o artigo explora, especificamente, a perspectiva de espaço-lugar postulada pelo geógrafo chinês Yi-Fu Tuan (1983) em duas obras literárias contemporâneas.

Escolhemos discutir contos da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, uma autora que tem marcado presença na cena literária mundial, e que tem

construído, em sua ficção, retratos aguçados de realidades tão presentes nesse cenário de globalização que vivemos. Sua literatura, com frequência, problematiza questões como imigração e reterritorialização, diferenças culturais, preconceitos e identidades híbridas. Essas são temáticas caras à autora, uma vez que Adichie assume uma agenda engajada com a promoção da visibilidade e de justiça para grupos marginalizados, como mulheres, negros e imigrantes. Isto posto, escolhemos dois textos seus que trazem protagonistas justamente assim identificados: duas jovens negras, nigerianas, e que se mudam para os Estados Unidos. Na nova terra, elas vivenciam realidades completamente diversas, e o fazem de modos também muito diferentes entre si, como demonstraremos em nossa discussão. Os textos selecionados são o conto **No seu pescoço**, publicado originalmente em 2009 em uma coletânea de narrativas curtas de mesmo nome, e aqui citado na versão traduzida em português, de 2017, e **My mother, the crazy African**, publicado em uma antologia global intitulada *One World*, em 2012, sem tradução no Brasil, de modo que as citações à ele pertinentes têm tradução de nossa autoria, acompanhadas do original em nota de rodapé, em cada ocorrência.

Olhamos para essas histórias a partir da geografia humanística desenvolvida por Yi-Fu Tuan, especificamente em seu livro **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência** (1983). No senso comum, é provável que, ao pensarmos as palavras “espaço” e “lugar”, as consideremos como simples sinônimos. Tuan, no entanto, desenvolve uma cisão semântica fundamental, pautada, principalmente, por questões de afetividade e experiência. Segundo o autor, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 1983, p. 6). Logo, dois indivíduos podem ver um mesmo objeto, conceito ou ambiente de modo diferente: para um, algo pode ser tido como um simples *espaço* sem qualquer vínculo afetivo e, para outro, que tenha passado por algum processo de significação na sua experiência, o que seria um espaço se transforma em um *lugar*. O foco, no que se refere a tal atribuição de valor, encontra-se no momento de identificação e reconhecimento do “espaço fechado e humanizado” (TUAN, 1983, p. 61) enquanto um lugar. Para um espaço vir a se tornar um lugar, portanto, é necessário que haja um entendimento e um envolvimento por parte do indivíduo, principalmente a partir de suas *experiências*, como já sinalizado no próprio subtítulo do livro de Tuan.

Isto posto, acreditamos que a proposta de Tuan se alinha perfeitamente, então, com as obras escolhidas para discussão, uma vez que nossas protagonistas vivenciam experiências muito discrepantes, e acabam, conseqüentemente, atribuindo valores também visivelmente distintos aos Estados Unidos – para uma, um espaço no qual a protagonista nunca se encontra; para outra, um lugar no qual ela se vê e se compreende.

2. ESPAÇOS E LUGARES NAS EXPERIÊNCIAS DAS PERSONAGENS

A trajetória das protagonistas que discutimos aqui tem um ponto de partida semelhante, porém o modo como cada uma experiencia, analisa e compreende sua jornada mostra-se bastante distinto. Vejamos um breve resumo de cada história, de modo a facilitar o acompanhamento da discussão. No início do conto **No seu**

pescoço (2017), Akunna, a protagonista, relata suas expectativas ao descobrir que conseguiu um visto norte-americano. Esta conquista era tida, para a personagem e para a sua família, como o equivalente a ganhar na “loteria do visto americano” (ADICHIE, 2017, p. 125), uma vez que representava a possibilidade de melhores condições de vida. Todavia, já nos Estados Unidos, Akunna se depara com uma realidade severamente diferente da esperada. Além do choque cultural e emocional, a personagem enfrenta diversas situações constrangedoras e desestabilizantes, que muito afetam sua saúde emocional.

Já em **My mother, the crazy African** (2012), as dificuldades da protagonista, Ralindu, não se relacionam com elementos externos e novos, mas justamente com seu próprio entorno familiar, também deslocado para os Estados Unidos. Os parentes de Ralindu, especialmente sua mãe, impõem no modo de viver da família a manutenção de tradições nigerianas, mesmo eles estando nos Estados Unidos. A personagem, contudo, se recusa a seguir os costumes de sua terra-natal e, em contrapartida, enaltece com frequência o que entende por cultura norte-americana, sugerindo que esta seja melhor. Ralindu não parece afetada ao deparar-se com estereótipos, tampouco se engaja em reparar equívocos graves a respeito de suas origens. Na verdade, ela parece romper o cordão umbilical com a Nigéria e a África, como se quisesse, de fato, ter nascido americana.

Partindo desse breve panorama dos enredos, direcionamos agora nosso olhar para as experiências específicas das personagens a fim de discutir como estas têm um papel na atribuição (ou não) de valor ao ambiente. Termo chave da obra de Tuan (1983), a *experiência* é compreendida pelo estudioso a partir de sua capacidade de manipulação da realidade de cada sujeito. Por estarem atreladas aos fatores biológicos, assim como aos culturais, as experiências podem variar entre diretas e íntimas ou indiretas e conceituais. Isso se dá porque elas “variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização” (OAKESHOTT, 1933, p. 10, *apud* TUAN, 1983, p. 9).

Considerando esse entendimento, achamos pertinente começar por um aspecto dos contos que diz respeito tanto aos sentidos quanto à cultura: a culinária. O alimento pode ter um forte valor simbólico e cultural, sendo capaz de provocar nossos sentidos, de modo a nos remeter a um contexto ou tempo específico, como um cheiro que lembra algo bom da infância, ou um gosto amargo que direciona a uma lembrança ruim ou a uma situação distante. Se esse alimento (seu cheiro ou seu gosto, por exemplo) for capaz de recuperar uma experiência agradável, ele poderá trazer, por conseguinte, uma sensação de conforto e segurança, tendo implicações positivas não apenas na relação com tal alimento, mas principalmente na experiência envolvida (incluindo quando ela ocorreu, em que circunstâncias, e *onde*). Considerando então nossas personagens, que deixaram para trás suas origens na Nigéria e se mudaram para uma terra tão distante, temos na questão da culinária um elemento relevante para a criação de experiências que contribuem para a identificação de espaço ou de lugar para Akunna e Ralindu.

Quando Akunna, no começo do conto **No seu pescoço**, sente-se enjoada após comer um cachorro-quente, sua indigestão sinaliza ao leitor como será sua jornada neste novo país. Após desembarcar do avião, Akunna encontra com seu tio (que na verdade não é um parente de sangue), e o relato que segue diz: “Ele a buscou no

aeroporto e comprou para você um enorme cachorro-quente com mostarda amarela que a deixou enjoada. ‘Introdução aos Estados Unidos’, disse, rindo” (ADICHIE, 2017, p. 125-126). A cena demonstra consciência de diferenças na alimentação e, ao mesmo tempo, de como essa diferença é sentida. Até mesmo o tio da protagonista, também nigeriano, atribui ironicamente sua experiência de mal-estar como “boas-vindas” aos Estados Unidos. Assim, logo no início da narrativa, Akunna vivencia um momento que se mostra simbólico de como será sua trajetória no novo país, pois essa, e a maior parte de suas outras experiências posteriores, a levarão a ver os Estados Unidos como um espaço ao qual ela não pertence, um *espaço* que lhe dá mal-estar, um espaço indigesto.

Ralindu, em **My mother, the crazy African**, por sua vez, não apenas insiste em consumir comidas tipicamente estadunidenses, como rejeita, sempre que possível, aquelas com bases nigerianas preparadas por sua mãe. Enquanto a família da personagem valoriza alimentos (e outros elementos) de suas origens, a protagonista os repele, consciente de que os temperos, pratos e costumes nigerianos diferem dos norte-americanos, e não lhe agradam (mais). A personagem sugere, desta maneira, uma aproximação maior com os Estados Unidos, construindo-o como um *lugar*. Podemos observar isso na citação a seguir, por exemplo, em que Ralindu fala sobre sua mãe, em narrativa em primeira pessoa:

Ela já não se recusava a comprar pizza e batata-frita congelada, mas ainda grunhia quando eu os comia, dizendo que eles sugam o sangue, esse tipo de comida horrível. Cada dia que ela cozinhava um novo tipo de sopa, o que era quase todo dia, ela me fazia experimentar. Assistindo enquanto eu modelava o *fufu* em bolinhas relutantes e mergulhava-os na sopa densa, ela até mesmo observava minha garganta quando eu os engolia para ver se as bolinhas estavam mesmo descendo e se lá se manteriam (ADICHIE, 2012, p. 55)¹.

Nessa discussão sobre vivências das personagens em termos de alimentação, é importante salientar que a experiência, na teoria de Tuan, não é apenas um vivenciar, mas também um ato de *refletir* a respeito, de ter *consciência* da situação vivida. Em outras palavras, não se trata meramente de presenciar determinados acontecimentos. Trata-se, na verdade, não de passividade, mas de *receptividade* (BONDÍA, 2002). Segundo Tuan (1983, p. 10), “a experiência implica na capacidade de aprender a partir da própria vivência”, o que, por conseguinte, sugere que o indivíduo precisa, primeiramente, *perceber* o que lhe ocorre e, a partir disso, *elaborar* seus próprios conhecimentos. Akunna, por exemplo, reflete sobre sua experiência com os alimentos quando descreve o ato de comer *garri* de almoço na casa de seu suposto tio, dizendo que isso “era como estar em casa” – isto é, na

¹ “She no longer refuses to buy frozen pizza and fries, but she still grunts when I eat them, still says that they suck blood, such bad food. Each day she cooks a new soup, which is almost every day, she makes me eat it. She watches as I mold the fufu into reluctant balls and dip them in the chunky soup, she even watches my throat while I swallow, as if to see the balls go down and stay down”.

Nigéria, que ela ainda entende como sendo o seu lugar (ADICHIE, 2017, p. 127), enquanto que a comida logo na chegada aos Estados Unidos a fez passar mal. Ralindu, do mesmo modo, também aprende pela vivência, demonstrando consciência de sua rejeição dos alimentos nigerianos que a mãe a “fazia” (isto é, forçava) experimentar.

Entende-se, desta forma, que as experiências estão associadas ao enfrentamento da realidade. Para experienciar verdadeiramente, portanto, é necessário que o sujeito tenha uma participação ativa e, ao mesmo tempo, reflexiva acerca de suas vivências, já que desse modo ele poderá efetivamente construir sentidos para o seu redor. Ou seja, devemos nos ater àquilo “que *nos* passa, [a]o que *nos* acontece, [a]o que *nos* toca. Não [a]o que se passa, não [a]o que acontece, ou [a]o que toca” (BONDÍA, 2002, p. 21, *itálico adicionado*). Vemos que Akunna e Ralindu demonstram sua atenção diante do que vivenciam, e deste modo traçam sua ligação com seu entorno, seja para construir nele um lugar, ou para não se encontrar naquele mapa.

Ainda a respeito da consciência sobre o que é vivenciado, há outras experiências das personagens nas quais ela se manifesta nitidamente. Trata-se de momentos que contribuem para entendermos o elo, seja ele sólido ou cambaleante, das personagens com o contexto em que se inserem. Nesse ponto, podemos destacar as cenas que revelam o encontro das personagens com situações de estereótipos e preconceitos, e observar o tipo de reação de cada uma. Akunna, por exemplo, parece se sentir como uma espécie de elemento exótico nas interações com suas colegas da faculdade comunitária:

Elas perguntaram onde você tinha aprendido a falar inglês, se havia casas de verdade na África e se você já tinha visto um carro antes de vir para os Estados Unidos. Olharam boquiabertas para o seu cabelo. Ele fica em pé ou cai quando você solta as tranças? Elas queriam saber. Fica todo em pé? Como? Por quê? Você usa pente? Você sorria de um jeito forçado enquanto elas faziam essas perguntas (ADICHIE, 2017, p. 126).

É nítido o incômodo de Akunna com essas situações, pois ela não somente entende que é vista como diferente, mas também se sente afetada com essas manifestações estereotipadas sobre sua terra natal. A personagem não se encaixa nesse grupo que demonstra tão pouco conhecimento sobre uma realidade que não a sua própria – como podemos deduzir, dadas as perguntas sobre linguagem, moradia e locomoção – e então se limita a sorrir forçosamente. As perguntas sobre o cabelo, especificamente, sugerem diferenças *físicas* evidentes a olho nu entre Akunna e suas colegas norte-americanas, reforçando o sentimento de distanciamento. As dificuldades de bem-estar e de familiaridade, nesse tipo de situação recorrente para a personagem, reforçam seu entendimento dos Estados Unidos como um espaço sem vínculos afetivos, onde ela própria parece destoante, uma peça que não se encaixa. Akunna vê a si própria como estranha ao local, e vê o local como estranho para ela. Como coloca Tuan (1983), as sensações de segurança e familiaridade, tanto do local quanto das experiências vividas no mesmo, são

cruciais para o processo de significação de um lugar, e é justamente por isso que Akunna não se insere nessa cartografia.

Entretanto, Akunna vive um tipo de experiência específico que tem o potencial de lhe conduzir a um entendimento dos Estados Unidos enquanto um lugar. Nos referimos, aqui, à relação com o seu namorado. Por vezes a personagem parece caminhar para essa construção de lugar, porém ocorre sempre algum tipo de situação que a faz manter solidificado o entendimento de espaço. Na cena em que o casal se conhece, Akunna antecipa, erroneamente, que haveria uma abordagem estereotipada por parte do rapaz, como ela já viveu tantas vezes:

Por isso, quando ele lhe perguntou, na meia-luz do restaurante, depois de você listar os especiais do dia, de que país africano viera, você disse Nigéria e esperou que ele dissesse que tinha doado dinheiro para a luta contra a aids no Botsuana. Mas ele perguntou se você era iorubá ou igbo, pois não tinha cara de fulani. Você ficou surpresa [...] (ADICHIE, 2017, p. 130).

Momentos como o citado acima, e outros, por exemplo, quando o namorado insiste em comprar presentes mesmo com ela pedindo que não o fizesse, parecem quebrar a ilusão ou expectativa construída no início do relacionamento, e empurram Akunna novamente para o espaço vazio, tanto no namoro desgastado quanto no seu contexto mais amplo. Assim, o potencial de, por esse relacionamento, conceber o país estranho como um lugar nunca se concretiza plenamente, e quem permanece estranho ao ambiente é Akunna, apenas ocupando um espaço em meio a uma vida de dificuldades e estereótipos.

Já para Ralindu em **My mother, the crazy African**, o encontro com estereótipos e preconceitos não parece a colocar em situação de enfrentamento da realidade, como um tipo de experiência que promoveria conscientização ou até mesmo revolta diante de visões absurdas e desinformadas. Ela também não se incomoda com a possibilidade de um país e suas tradições culturais se impor ou se apresentar como superior. Ao contrário: Ralindu parece ignorar essas visões, concentrada que está em obter uma espécie de certificação de ser norte-americana “nativa”. Deste modo, ela constantemente parece endossar a ideologia de que o modo de viver norte-americano é superior e, portanto, um modelo a ser almejado.

[Uma amiga] comentava isso sobre Matt também. Como eu não deveria me esforçar em ser americana por causa dele, que se ele fosse verdadeiro gostaria de mim de qualquer modo (isso tudo porque eu a fazia dizer certas palavras para praticar e pegar as flexões corretas do sotaque norte-americano. Eu queria que a Nigéria não tivesse sido uma colônia britânica, é tão complicado desaprender o jeito como eles acentuam as sílabas erradas). Me poupe. Eu já tinha visto Matt dar risada de um garoto indiano com um nome que ninguém conseguia pronunciar. [...] Matt não sabe que meu nome é Ralindu. Ele sabe que meus pais são africanos e

acha que a África é um país, e fica por isso mesmo (ADICHIE, 2012, p. 56)².

Além do interesse em se tornar “americanizada” por pretensões românticas direcionadas ao personagem Matt, observa-se, também, que a protagonista aceita com passividade os comentários estereotipados e desinformados acerca da sua terra-natal, uma atitude completamente oposta à de Akunna. Ralindu se refere, por exemplo, aos sotaques no inglês nigeriano (assim como no britânico) como tendo acentuação “errada” simplesmente por não seguirem a acentuação de padrões norte-americanos. Ela também não se incomoda com a visão tida por seus amigos acerca do continente africano, visão essa que ignora as diversidades regionais e locais, como se a África fosse um todo homogêneo. Com sua falta de senso crítico engajado, e talvez com sua ingenuidade, a personagem mostra “sentir-se à vontade” no novo país. Esse sentimento é algo que, na perspectiva de Tuan (1983, p. 223), contribui para que um simples espaço se transforme em lugar. Mesmo frente às visões distorcidas sobre a Nigéria e, especialmente, sobre ela mesma, Ralindu manipula a sua relação com o seu redor para que possa se sentir integrada, pois seu desejo é, justamente, o de pertencimento – e, novamente, a manipulação da realidade que Tuan (1983) pontua como relevante ao ato de experienciar.

A respeito desta intenção de pertencimento, acreditamos ser válido lembrar que, na perspectiva de Tuan (1983), a dinâmica de espaço e lugar também diz respeito às noções de mudança e permanência. Se há o sentimento de pertencimento, o indivíduo tenderia a lá querer permanecer. Se, por outro lado, esse sentimento não está presente, possivelmente a pessoa iria buscar a movimentação, a mudança, a saída. No caso de Akunna, temos uma imigrante longe de sua família, que teve sucesso na “loteria” do visto para os Estados Unidos, e que por mais que tente ficar lá, buscando emprego e educação, encerra a história se despedindo do namorado no aeroporto, por motivos de visita familiar na Nigéria, e sugerindo (pelo menos ao leitor) que não irá retornar. Sua não permanência (e provável não retorno) é um indicativo, novamente, da dificuldade de construir um lugar nos Estados Unidos, haja vista as experiências tidas. A outra protagonista, Ralindu, demonstra nitidamente a intenção de permanência, mas ao contrário de Akunna, parece que para ela isso irá se concretizar. Não apenas por estar em um contexto diferente, com a família enquanto uma unidade tentando estabelecer suas raízes em outro local, mas principalmente por suas atitudes e intenções claras de vínculo.

O pertencimento ou o achar-se estranho ao local, a permanência ou a mudança, o lugar ou o espaço, são questões que podem ser potencializadas por aspectos culturais. A cultura é um importante agente no processo de significação e, portanto, de entendimento e reflexão das experiências vividas. Como diz Tuan

² “She says it about Matt too. How I shouldn't try too hard to be American for him because if he was real, he'd like me anyway (this because I used to make her say words so I would practice and get the right American inflections. I wish Nigeria hadn't been a British colony, it's so hard to lose the way they stress their words on the wrong syllables). Please. I have seen Matt laugh at the Indian boy with the name that nobody can pronounce. The poor kid's accent is so thick he can't even say his name audibly - at least that's one person I'm better than. Matt doesn't even know my name is Ralindu. He knows my parents are from Africa and thinks Africa is a country, and that's about it”.

(1983, p. 63), “a cultura e a experiência têm uma grande influência na interpretação do meio ambiente”. Logo, cultura e ambiente relacionam-se mutuamente, uma vez que ambos interferem nas associações dos sujeitos. Para as personagens envolvidas em nossa discussão, a percepção das diferenças culturais pode ser tanto o que causa estranhamento, no caso de Akunna, quanto o que se concebe como meta, para Ralindu, que molda seus comportamentos em uma tentativa de apagar suas origens e se mesclar com o ambiente que está.

Em **My mother, the crazy African** (2012), a protagonista busca incessantemente substituir os traços de sua identidade nigeriana por outros que lhe conferem, ao seu ver, o “título” de estadunidense. Assim, seu posicionamento para com a terra natal é de rejeição e uma espécie de tentativa de apagamento da mesma. Além de adotar um apelido “americano”, Lin, para ocultar a origem de seu nome, Ralindu chega a se recusar a usar sua língua-mãe, o que demonstra um rompimento *simbólico* no âmbito cultural. “Agora eu respondo ao Igbo do meu Pai em inglês. Eu faria o mesmo com a minha Mãe, mas não acho que ela aceitaria isso” (ADICHIE, 2012, p. 53)³. Desse modo, percebe-se que a personagem possui uma afinidade, ou mais do que isso, uma ânsia por identificação e aceitação com seu novo contexto. Outras atitudes semelhantes se dão, por exemplo, quando a personagem responde sobre seu sotaque, dizendo “Sim, eu me orgulho da América. Eu sou americana. Eu sou americana mesmo tendo ainda somente um *green card*” (ADICHIE, 2012, p. 56)⁴, e “Eu continuo dizendo que sou da Filadélfia quando minha mãe não está por perto” (ADICHIE, 2012, p. 53)⁵.

De modo radicalmente diverso, a protagonista de **No seu pescoço** (2017), fica pasma com as diferenças culturais, e não se sente parte daquele cenário, nem parece atraída como Ralindu para integrar-se a ele. Akunna sofre tentativa de assédio por parte do tio que a recebeu nos Estados Unidos. Esse terrível acontecimento é chocante por si próprio, mas também porque é apresentado como uma questão cultural: o assediador diz que é preciso “entender os Estados Unidos, saber que, ali, é dando que se recebe” (ADICHIE, 2017, p. 126). Ainda, Akunna observa o comportamento dos norte-americanos, e as diferenças a fazem se sentir deslocada e distante:

Algumas semanas depois, no entanto, quis escrever, pois tinha histórias para contar. Quis escrever sobre a surpreendente franqueza das pessoas nos Estados Unidos, sobre como elas pareciam ansiosas para lhe falar da luta de sua mãe contra o câncer, sobre o bebê prematuro da cunhada, o tipo de coisa que a gente devia esconder ou revelar apenas para os parentes que nos queriam bem. Quis escrever sobre como as pessoas deixavam tanta comida nos pratos e largavam algumas notas de um dólar amassadas sobre a mesa, como se fosse uma oferenda, uma expiação pela comida desperdiçada. Quis escrever sobre a criança

³ “Now I reply to Father’s Igbo with English. I would do it with Mother too, but I don’t think she would go for that just yet”.

⁴ “‘Yes, I’m proud of America. I’m American’. I’m American even if I still only have a green card”.

⁵ “I still say I am from Philadelphia when Mother is not there”.

que começou a chorar, puxar os cabelos louros e empurrar os cardápios da mesa e, em vez de os pais a obrigarem a calar a boca, imploraram para que ficasse quieta, uma criança de no máximo cinco anos de idade, até que acabaram levantando e indo embora. Quis escrever sobre as pessoas ricas que usam roupas esfarrapadas e tênis puídos, que pareciam os vigias noturnos das grandes propriedades de Lagos. Quis escrever que os americanos ricos eram magros e os pobres, gordos, e que muitos não tinham uma casa e um carro grandes; mas você ainda não sabia se tinham armas, pois podiam estar com elas escondidas dentro dos bolsos (ADICHIE, 2017, p. 128 - 129).

Os aspectos culturais desempenham papel decisivo nas reflexões que as personagens fazem sobre seu entorno e suas experiências. Tais reflexões fazem com que uma das personagens molde seu comportamento, sua linguagem e sua forma de pensar, visando sentir-se pertencente ao contexto em que se encontra. Já para outra, as considerações a fazem perceber cruamente as diferenças e a dificuldade de criar ali seu bem-estar. Percebemos, portanto, como a reterritorialização do sujeito é um processo complexo que não depende dele, apenas, mas do seu próprio entorno: ao nos deslocarmos para uma terra estranha e distante, é crucial se perguntar, por exemplo: quem são as pessoas com que nos relacionamos, e que visões de mundo (e de nosso “mundo” anterior) elas têm?; e que cenário encontramos, com que diferenças, semelhanças, possibilidades e impossibilidades de vínculo? Esse tipo de questionamento, e as respostas a eles, assim como as respostas encontradas por Akunna e Ralindu sobre preconceitos, diferenças e comportamentos (próprios e de terceiros), colaboram na nomeação da nova cartografia experienciada como um espaço ou um lugar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa discussão dos contos de Chimamanda Ngozi Adichie, **No seu pescoço** (2017) e **My mother, the crazy African** (2012), partindo da conceituação de espaço e lugar oferecida por Yi-Fu Tuan (1983), pudemos observar uma série de problemáticas contemporâneas ao nosso mundo globalizado. Vimos como as experiências atuam na criação de significados e conduzem nossa percepção sobre a realidade, cientes de que as construções de mundo são marcadas por ideologias, processos históricos de dominação e exploração, e diferenças culturais, entre outros aspectos.

No que concerne ao processo reflexivo que integra a vivência de experiências, como pontuam Tuan (1983) e Bondía (2002), foi visto como as personagens analisadas estabelecem sua relação com o novo território não de modo passivo, mas sim informado: uma está consciente de que não consegue se identificar e vincular-se emocionalmente; a outra, se mostra consciente de que uma espécie de “imersão” cultural e transformação radical de sua própria identidade é a meta por ela mesma construída e desejada. Então, como demonstrado, a trajetória de cada personagem

resultou na identificação dos Estados Unidos, por Akunna, enquanto um espaço e, por Ralindu, enquanto um lugar.

Acreditamos, à luz da discussão desenvolvida, que a teoria sobre espaço-lugar de Tuan (1983), além de adequar-se ao entendimento de personagens com caminhos tão distintos, nos oferece uma ferramenta apurada para olhar a complexidade da natureza humana em suas trajetórias, especialmente em um contexto contemporâneo de tamanha recorrência da experiência de deslocamento e reterritorialização. Isto posto, acreditamos, então, ser crucial fomentar a discussão das temáticas aqui tratadas, e mapear melhor nosso entendimento do globo e de nosso movimentar-se por ele.

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. No seu pescoço. *In: No seu pescoço*. Trad. Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. p. 125-138.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. My mother, the crazy African. *In: BRAZIER, Chris (Ed.). One world: A global anthology of short stories*. Cornwall: New Internationalist, 2012, p. 53-59.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/275/27501903.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2020.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: A perspectiva da experiência**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

Para citar este artigo

KINDINGER, B. A. SANFELICI, A. de M. Espaços e lugares em dois contos de Chimamanda Ngozi Adichie. **Macabéa - Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 4, 2020, p. 309-319.

As Autoras

BRUNA ALESSANDRA KINDINGER é mestranda em Estudos Literários na Universidade Federal do Paraná e licenciada em Letras - Inglês pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (2019).

ALINE DE MELLO SANFELICI é doutora em Letras - Língua Inglesa e Respectivas Literaturas. Professora adjunta da Universidade Tecnológica Federal do Paraná.